



A FORMAÇÃO DO PAPEAMENTO, SUAS ORIGENS PORTUGUESAS, AFRICANO-OCIDENTAIS E BRASILEIRAS

DOI: 10.12957/synthesis.2014.19663

MARCO AURELIO SCHAUMLOEFFEL*

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar as conexões históricas que contribuíram para a formação do papeamento, uma língua crioula falada nas ilhas caribenhas de Aruba, Bonaire e Curaçau (ABC). Através desta análise, pretende-se mostrar que as ligações históricas do papeamento indicam que sua origem não se deve ao espanhol, como muitas vezes é erradamente propagado, mas sim ao português e aos crioulos portugueses. Estas ligações foram estabelecidas através do tráfico de escravos, o qual usava variantes e crioulos do português como *língua franca* de comércio, e através das conexões diretas e indiretas estabelecidas entre as ilhas ABC, a Europa, a África Ocidental e o Brasil.

Palavras-chave: Papeamento. História. Formação. Línguas Crioulas.

The formation of Papiamentu: Portuguese, West African and Brazilian origins

Abstract: The objective of this article is to investigate the historical links that contributed to the formation of Papiamentu, a Creole language spoken in the Caribbean islands of Aruba, Bonaire and Curaçau (ABC). Through this analysis, we intend to show that the Papiamentu's historical relations indicate that its origin isn't related to Spanish, as is often wrongly propagated, but to the Portuguese language and the Portuguese Creoles. These links were established through the slave traffic, which used Portuguese's varieties and creoles as their trade *lingua franca*, and through the direct and indirect connections established between the ABC Islands, Europe, West Africa and Brazil.

Keywords: Papiamentu. History. Formation. Creole Languages.

* Professor de Estudos Brasileiros na University of the West Indies, Barbados.

Todas as citações deste artigo foram traduzidas do original (inglês, alemão, holandês) para o português pelo próprio autor, exceto as em espanhol, as quais foram mantidas no original devido a grande semelhança com o português.

1 INTRODUÇÃO

O foco deste artigo são os fatos históricos que contribuíram para a formação da base do papeamento (PA). A história por si só não pode ser usada como evidência linguística para afirmar que as origens do PA possam remeter ao português (PT) ou aos crioulos

do português falados na África Ocidental e no Brasil, ou a qualquer outra língua, mas é um componente que certamente desempenha um papel importante para entender a origem desta língua crioula. Materiais linguísticos naturalmente formam a evidência mais confiável para estabelecer laços genéticos; os recursos

linguísticos que o PA compartilha com outros crioulos de base portuguesa serão objeto de um artigo futuro. Ambos os componentes combinados, no entanto, fornecem um cenário mais amplo e completo, mostrando os elementos que eventualmente indiquem que as origens do PA remetem ao PT e aos crioulos de origem portuguesa.

2 EXPLORAÇÕES PORTUGUESAS ULTRAMARINAS

Dada a posição geográfica de Portugal e, conseqüentemente, a tendência natural para a navegação marítima, não pode ser considerado surpresa o fato de esta nação ter-se tornado a grande exploradora dos mares nos séculos XV e XVI. Os portugueses detinham os mais avançados conhecimentos sobre a navegação marítima da época, fazendo de Portugal uma espécie de agente de globalização do fim da Idade Média.

Em sua *Chronica do descobrimento e conquista de Guynéa*, Azurara (1453, p. 44-49) fornece cinco motivos pelos quais os portugueses iniciaram seus empreendimentos ultramarinos: encontrar e conhecer terras além do Cabo Bojador e das Ilhas Canárias, levar mercadorias a Portugal, verificar o alcance do poder do islamismo na África, encontrar reinos ou aliados que pudessem ajudá-los na guerra que já durava 31 anos contra os mouros e levar a fé cristã para todas as “almas que se quisessem salvar” (AZURARA, 1453, p. 47). Eles exploraram as costas da África e erigiram a primeira construção europeia na África subsaariana em 1481, o Forte de São Jorge da Mina, em Gana. Após inúmeras expedições, alcançaram o sul do continente e, em sua busca por um caminho marítimo à Índia, Bartolomeu Dias cruzou o Cabo da Boa Esperança em 1488. Eles continuaram a explorar a costa da África Oriental para finalmente alcançar Calicute, na Índia, em 1498.

No final do século XV as Américas também foram exploradas, o que levou ao “descobrimento” do Brasil e de outros lugares. A presença dos portugueses ao longo dos vastos litorais da África, do Caribe, do Brasil, da Índia, Malásia, de Macau, de todo o Oceano Índico e até mesmo no Japão deixou influências nas

culturas e línguas locais. Como resultado, é possível achar palavras de origem portuguesa até mesmo em áreas onde hoje não se fala PT ou crioulos do PT como, p.ex., no Japão e em Gana. Eis exemplos de algumas das línguas litorâneas faladas em Gana (SCHAUMLOEFFEL, 2008a, p. 47-60): Ga: *kamisaa* (camisa), Akan: *kópoo* (copo), Ewe: *gaflo*/Ga: *gafolo* (garfo), Twi: *akonta* (a conta).

3 A LÍNGUA PORTUGUESA HOJE, LÍNGUA FRANCA, CRIoulos DO PORTUGUÊS

Atualmente o PT é língua oficial em Portugal, no Brasil, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e no Timor Leste. Também podem ser encontrados falantes do PT nos antigos territórios portugueses ultramarinos na Índia e na China, bem como comunidades de falantes em outras partes do mundo. Com cerca de 280 milhões de falantes, o PT é a quinta língua mais usada no mundo, a terceira do hemisfério oeste e a mais praticada no hemisfério sul (MATOS, 2008, p. 1).

O PT foi usado como *língua franca* durante o período de domínio português do comércio marítimo, o que levou à formação de línguas crioulas influenciadas pelo PT. Em 1887, Schuchardt (1888, p. 60), considerado fundador dos Estudos Crioulos, refere-se à expansão do PT afirmando que

a situação na África é parecida com a da Índia. O PT surgiu como língua de comércio ao longo destas intermináveis costas, as quais foram primeiro velejadas por aventureiros portugueses. Em tal medida, que o descobrimento e a posse foram seguidos pela colonização em si, daí resultou o aporuguesamento de grupos nativos.

Em outra passagem, ele menciona o uso do PT na Alta Guiné (hoje Guiné, Serra Leoa, Libéria e noroeste da Costa do Marfim) e na Costa do Ouro (hoje Gana), confirmando que seu uso perdurou até o final do século XIX:

[Lá] fica a Alta Guiné onde o PT ainda desempenha um papel considerável até hoje [1887]... os holandeses, ingleses e

dinamarqueses usaram o PT ao menos até o período tardio da segunda metade do séc. XVII... Römer, o qual vivia lá [Costa do Ouro] como mercador, de 1735 a 1743, diz que se alguém quisesse conseguir algo com os negros, então [a negociação] necessariamente acontecia em PT ou, mais frequentemente, em PT de Preto (SCHUCHARDT, 1888, p. 61).

Embora questione a existência de um PT *língua franca* dominante na região da Costa do Ouro, Rickford (1987, p. 47-48) menciona um relatório feito no séc. XVII pelo observador John Barbot, o qual sugere que “em 1679 o PT *língua franca* ainda era dominado pela maior parte da população de Axim, na Costa do Ouro, embora os holandeses já tivessem expulsado os portugueses há 37 anos”. Outro fato que pode ter contribuído de alguma forma para o uso de um PT *pidgin* ou crioulo nas áreas das Costas do Ouro e dos Escravos (hoje Togo, Benim e oeste da Nigéria), na Baía do Benim, foi a chegada de retornados afro-brasileiros, os quais sabidamente deixaram impacto cultural considerável na África Ocidental. Os Tabons em Gana (SCHAUMLOEFFEL, 2008b) e os Agudás no Benim, Togo e na Nigéria (VERGER, 1976; GURAN, 1999) ainda hoje formam comunidades relativamente grandes. Eles são conhecidos por terem promovido mudanças profundas na cultura e no dia a dia nas áreas onde estabeleceram comunidades de retornados. Até hoje ainda são chamados de *brasileiros* pelos outros cidadãos locais. Ao que consta, no começo, os membros destas comunidades só falavam o PT. O nome dado pelos habitantes locais à comunidade afro-brasileira em Gana, *Tabom*, deriva de *está bom*, um sinal claro da língua que os Tabons falavam ao chegarem à Costa do Ouro entre 1829 e 1836 (SCHAUMLOEFFEL, 2008b, p. 21). Comerciantes e negociadores de escravos falantes do PT estavam estabelecidos na região. O mais famoso deles foi Francisco Félix de Souza (1754–1849). O maior comerciante brasileiro de escravos vivia com seus cerca de 80 filhos e mais de 50 mulheres em Uidá, no Daomé (hoje Benim); De Souza era muito influente na região e era amigo do rei Guêzo, do Daomé, o qual o fez vice-rei de

Uidá (GURAN, 1999, p. 21-30).

De forma similar, o PT também estava presente na Ásia, em áreas que nunca estiveram sob o domínio português e onde eles nunca estabeleceram colônias. Um exemplo de referência da presença da língua pode ser encontrado na Batávia do século XVII (hoje Jacarta, Indonésia):

Os portugueses nunca colocaram seus pés lá [em Batávia]... Mesmo assim, uma forma de crioulo da língua deles foi introduzida por escravos e serviçais domésticos da região do Golfo de Bengala, a qual foi falada por holandeses e pelas mulheres mestiças nascidas e criadas em Batávia, algumas vezes até mesmo com a exclusão de suas próprias línguas-mãe. Em 1659 o Governador-Geral Maetsuycker e seu Conselho explicaram a seus superiores da Holanda que era inútil tentar tomar medidas drásticas contra o uso do PT. Eles escreveram: ‘o PT é uma língua fácil de aprender. Esta é a razão pela qual nós não podemos evitar que os escravos trazidos de Arakan, que nunca ouviram uma palavra sequer em PT (e, de fato, até mesmo os nossos filhos) tomem esta língua como preferencial em detrimento de todas as outras, tornando-a a sua própria’ (BOXER, 1969, p. 57).

Apesar do aparente domínio do PT nas relações comerciais, assim como Boxer, que menciona o uso de “uma forma crioula” do PT em Batávia, Valkhoff (1966, p. 56) também acredita que somente poucas pessoas dos portos na rota marítima de Portugal ao Extremo Oriente aprendiam de fato o PT padrão; ao invés disto, falavam uma variedade simplificada, “um tipo de baixo PT ou *pidgin*: a *língua franca*... uma língua internacional de emergência criada especialmente para fins comerciais, mas subsequentemente também empregada em relações mais íntimas”.

Não restam dúvidas de que o PT influenciou e foi influenciado pelas línguas locais. Ele foi parte da base original, dos substratos ou lexificadores dos *pidgins* e crioulos, usados em toda a rota seguida pelos portugueses e nas colônias que controlavam.

Há mais de uma dezena de crioulos de base portuguesa mundo afora, entre eles o Kriolu da Guiné-

Bissau, o Kabuverdiano, o Fát d' Ambô de Annobón, os crioulos do PT na Índia e o Papiá Kristang na Malásia.

4 PAPEAMENTO

O PA é a língua falada principalmente nas ilhas ABC (Aruba, Bonaire e Curaçau), bem como em outras ilhas das Antilhas Holandesas, embora em número bem mais reduzido. Em Aruba e Curaçau ele possui o *status* de língua oficial, enquanto em Bonaire é reconhecido pelo governo holandês. O PA pode ser subdividido, *grosso modo*, em três dialetos: Curaçoleno, Arubiano e Bonairiano.

É difícil saber o número exato de falantes do PA, devido à falta de censos que considerem o fator língua falada como primeira língua (L1). A população total das ilhas ABC e das outras ilhas das Antilhas Holandesas¹ é de 329.002², mas algumas pessoas têm o holandês ou até mesmo o inglês ou outras línguas como L1. Estimativas de diferentes fontes variam de 200 mil³ a quase 400 mil falantes⁴. O número total estimado de 270 mil falantes nativos parece plausível (JACOBS, 2012, p. 1).

O nome papeamento vem do verbo PT *papear*, com a adição do sufixo *mento*. Frank Martinus Arion, poeta, romancista e diretor do Instituto da Língua de Curaçau, que promove o uso e o reconhecimento do PA, acredita que

a palavra da qual Papeamento provém provavelmente passa do PT antigo do séc. XII ou XIII para as ilhas do Cabo Verde, onde eles têm a mesma palavra e chamam a língua mais ou menos pelo mesmo nome – eles não a chamam de PA, mas sim de *opapiar* e até mesmo *papiasou* (ROWELL; ARION, 1998, p. 540).

De acordo com o dicionário Michaelis *papear* significa *conversar, falar muito, bater papo, conversar muito*; o termo *papear* também pode ser encontrado em PT Antigo. Em PA, *papia* significa *falar*. A presença da palavra em espanhol coloquial de lugares como Cuba, Porto Rico e República Dominicana pode ser atribuída à influência de línguas

crioulas; ela é usada com o significado de *falar excessivamente*. Pesquisas sobre o contato do espanhol *Bozal* com o PA mostram que algumas influências são atribuídas ao PA pelo fato do “oeste de Porto Rico e o leste de Cuba terem recebido inúmeros escravos de Curaçau” (LIPSKI, 1993, p. 23). Dicionários comuns de espanhol incluem o verbo *papear*, mas somente com o significado de *comer*; já o Dicionário da Academia Espanhola apresenta o termo como balbucir, tartamudear, hablar sin sentido. O mesmo significado é encontrado no espanhol antigo (KRAMER, 2004, p. 97). É altamente improvável que uma língua tirasse seu próprio nome de uma palavra espanhola que raramente foi ou é usada e significa *gaguejar ou falar sem sentido*, se há um termo em PT que é regularmente usado e carrega exatamente o mesmo sentido que no PA.

Também é interessante observar que há crioulos do PT que não por acaso carregam a mesma raiz da palavra do PA em seus nomes: em Málaga, o crioulo é chamado de *Papiá Kristang* (Fala Cristã), em Macau, *Papia Cristam di Macau* ou *Docí Papiaçam* (Fala Doce), e um crioulo PT extinto na Indonésia era chamado de *Papiá Tugu* (Fala de Tugu, vilarejo ao norte de Jacarta), além do crioulo do Cabo Verde – Opapiar, Papiasou. Como todos estes crioulos do PT possuem pouca ou nenhuma influência do espanhol, não faz sentido reivindicar que eles tenham o seu *papiar* do espanhol. *Papia* também é um verbo usado em alguns crioulos do PT, tais como as variedades do Kabuverdiano falado em Fogo, Santiago e São Nicolau.

4.1 TEORIAS SOBRE AS ORIGENS DO PAPEAMENTO

A origem do PA é fonte de controvérsia, devido ao vocabulário misto de PT e espanhol, o que torna difícil determinar claramente se ele é um crioulo do PT ou do espanhol.

Em geral, há três teorias diferentes para explicar como o PA se desenvolveu.

A primeira entende que o PA tem origens afro-portuguesas, conforme o descrito por Lipski: “PA provavelmente é a relexificação de um protocrioulo

afro-português, o qual também forma a base de outros crioulos atlânticos” (KOUWENBERG; SINGLER, 2008, p. 548). Lenz (1928, p. 323) já alegava que “su gramática... es ‘negro-portuguesa’ en primer lugar”. Navarro (1953), Van Wijk (1958), Valkhoff (1966) e Martinus (1996) estão entre os acadêmicos que dão respaldo à ideia de que o PA tem origens afro-portuguesas. Devido às condições específicas do ambiente linguístico de Curaçau, o PA teria sofrido uma hispanização posterior (WOOD, 1972) através de um processo de relexificação: “La influencia del español no se ha limitado al vocabulario. La primitiva fonética afro-portuguesa ha ido cediendo el campo a la española” (NAVARRO, 1953, p. 189).

Mais recentemente, Jacobs (2009 e 2012) analisou as relações linguísticas e históricas entre o PA e os crioulos de base portuguesa da Alta Guiné, achando tanto dados históricos quanto linguísticos consistentes, corroborando que indubitavelmente existe uma ligação genética entre eles, independente de como isto possa ter ocorrido.

A segunda teoria alega que o PA é um crioulo do espanhol. Os elementos do PT presentes no PA teriam sido incorporados ao longo dos anos, devido à imigração, a partir do Brasil, de judeus sefarditas falantes do PT e de traficantes de escravos portugueses presentes nas ilhas ABC. Maduro (anos 1960), DeBose (1975) e Munteanu (1996) são alguns acadêmicos que defendem as raízes espanholas do PA. Maduro tentava explicar diversas palavras de origem portuguesa no PA recorrendo a várias variedades do espanhol, mas Maurer virtualmente descartou estas alegações: “é improvável que o galego, o catalão ou o valenciano desempenharam algum papel na formação do PA, já que a presença em Curaçau de catalães, valencianos ou galegos não é mencionada em fontes históricas” (*apud* JACOBS, 2009, p. 324).

A terceira teoria é conhecida como a Brazilian Creole Hypothesis, elaborada por Goodman (1987, p. 361-405). Ela coloca seu foco sobre a imigração dos judeus e seus escravos, empregados livres e de assistentes de oficiais de Pernambuco para Curaçau,

reivindicando a possível existência de um crioulo do PT entre eles. Este crioulo teria sido levado a Curaçau, bem como produzido influências em outros crioulos da América como o Saramacano falado no Suriname e o crioulo de Caiena.

Devido às controvérsias, alguns preferem chamar o PA de “língua crioula de base ibero-romana” (BARTENS, 1995).

Como a segunda teoria está praticamente descartada atualmente, o foco aqui será colocado sobre a primeira e a terceira, mais especificamente nas ligações históricas entre Curaçau e os componentes portugueses, africano-ocidentais e brasileiros que contribuíram para a formação do PA, os quais foram indubitavelmente muito relevantes neste processo e seguramente não podem ser ignorados se o objetivo é ter uma compreensão detalhada das origens, do desenvolvimento e da formação do PA, a despeito do alto grau de hispanização que pode ser verificado atualmente neste crioulo.

4.2 HISTÓRIA DAS ILHAS ABC

Os caiquetios foram os primeiros habitantes de Curaçau. Acredita-se que eles se estabeleceram ali, 4.500 anos atrás. (BENJAMIN, 2002, p. 49). Eram ameríndios do mesmo grupo étnico aruaque encontrado no litoral da Venezuela. Em 1499 o velejador espanhol Alonso de Ojeda chega com uma expedição a Curaçau. A maior parte dos caiquetios foi escravizada e enviada para Hispaniola/Santo Domingo em 1513 para trabalhar nas minas de cobre. Como não havia ouro nas ilhas ABC, o vice-rei espanhol Diego Columbus as declarou *islas inútiles* (GOSLINGA, 1979, p. 14). O solo e a baixa incidência de chuvas não favoreceram o estabelecimento de um sistema de plantação de alto rendimento para o setor açucareiro e Curaçau passou a ser ignorada pelos espanhóis. Quando os holandeses a ocuparam em 1634, sobravam cerca de 400 índios. Todos, exceto 75, foram expulsos e enviados para a Venezuela. Em 1795, havia somente cinco índios “de sangue puro” em Curaçau (GOSLINGA, 1979, p. 6). Os holandeses não encontraram resistência durante a ocupação desta

área:

A conquista holandesa de Curaçau em 1634 não enfrentou resistências por parte dos espanhóis, os quais tinham pouco incentivo para retê-la. Os motivos pelos quais os holandeses, ao contrário dos espanhóis, estavam interessados em Curaçau eram baseados no sal e na base para movimento portuário. O setor do arenque tinha perdido a sua fonte de sal quando Portugal e Espanha se tornaram aliados em oposição aos holandeses. As colônias portuguesas não exportavam mais sal para a Holanda e as tentativas de consegui-lo em outros lugares haviam sido frustradas (BENJAMIN, 2002, p. 56).

O porto natural onde hoje fica Willemstad, na enseada de Schottegat, foi transformado em um porto de distribuição entre a Holanda e as colônias da Nova Holanda (Brasil Holandês) e Nova Amsterdã (Nova Iorque), bem como para o comércio caribenho. Em 1662, a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais transformou Curaçau em um centro do tráfico de escravos, tornando-se um entreposto de africanos escravizados vendidos sob o direito de *asiento*, um acordo assinado com a Espanha para suprir as suas colônias na América do Sul e no Caribe com remessas regulares de africanos escravizados. Zuurzak e St. Joris foram os maiores campos de escravos em Curaçau. Hartog (1968, p. 17) aponta para o motivo da existência destes campos:

Muitos escravos morriam em rota ou chegavam com a saúde muito debilitada... os campos de escravos de Curaçau foram criados para recuperar sua saúde e servir de lugar de passagem antes do reembarque... De 1648 em diante o tráfico constantemente se expandiu, chegando ao seu clímax entre 1685 e 1713, depois diminuiu gradualmente. O último navio com escravos presumivelmente aportou lá em 1778.

A maioria dos escravos ficava detida nos campos e, mais tarde, era vendida às colônias da América do Sul e do Caribe. Alguns poucos permaneciam em Curaçau para trabalhar nas plantações ou como criados domésticos (MUNTEANU, 1996, p. 40).

Em 1678, Amsterdã se tornou o centro do comércio de linho e, como consequência, Curaçau,

um empório para produtos europeus de toda sorte. Como as plantações locais nunca conseguiam suprir as necessidades locais, o comércio naturalmente se tornou a principal fonte de renda (HARTOG, 1968, p. 14-15).

Os escravos naturalmente resistiam e lutavam por liberdade e direitos. Houve duas revoltas, uma breve em 1750 e outra em 1795 que envolveu cerca de 4 mil africanos numa rebelião que durou um mês (RODRIGUEZ, 2007, p. 150); ambas as revoltas foram aniquiladas pelos holandeses e os líderes dos levantes mortos.

De 1799 a 1815 Curaçau trocou de mãos algumas vezes entre franceses, britânicos e holandeses. Em 1816 o poder holandês foi restabelecido, com a assinatura do Tratado de Paris no final de 1815, em consequência da derrota de Napoleão. A escravidão foi finalmente abolida em 1863.

O fato mais relevante no século XX foi o descobrimento de petróleo na Bacia de Maracaibo. Por causa disto, a *Royal Dutch Shell* instalou uma refinaria de grandes dimensões em Curaçau, criando empregos e atraindo imigrantes da Holanda e, sobretudo, dos países vizinhos de língua espanhola.

A origem da palavra *Curaçao* é fonte de controvérsias e nenhuma versão pode definitivamente provar que é conclusiva pela falta de elementos concretos. Há pelo menos três explicações possíveis: a palavra viria do PT *Coração* ou *Curação*, do espanhol *Corazón*, ou encontraria suas raízes na língua extinta dos caiquetios (*Curasote*). Nomeá-la *coração* seria uma referência ao formato da ilha tanto em PT quanto em espanhol, ao mesmo tempo em que poderia se referir à ilha como *centro de comércio*. *Curação*, por sua vez, faria referência à *cura* porque alguns velejadores portugueses teriam se curado do escorbuto após comerem frutas ricas em vitamina C disponíveis na ilha. *Curasote* supostamente significava *grande plantação* na língua dos caiquetios. Há até mesmo tentativas anedóticas de explicar sua origem: “uma interpretação popular alega que *Curaçao* é uma contração de duas palavras espanholas: *cura* (*pároco*) e *asado* (*assado*)” (GOSLINGA, 1979, p. 11).

Exemplos de mapas do início do séc. XVI mostram tudo menos consenso sobre o nome a ser usado para o lugar hoje chamado Curaçau:

[O *mapa- mundi* de 1500] já inclui os contornos da Isla de Palo Brasil (Bonaire) e da Isla de los Gigantes (Curaçau)... Outro mapa de 1519 pela primeira vez faz referência a esta

última como Curasote, enquanto 7 anos mais tarde Juan Ampués, primeiro representante espanhol na ilha, oficialmente reporta sobre Corazante ou Coraçante. Mapas espanhóis datados depois de 1525 se referem à ilha como Curaçote, Curasaote e Curasaore... no séc. XVII a ilha era geralmente conhecida como Coração ou Curazao (GOSLINGA, 1979, p.10).

As Conexões Históricas do Papeamento



Figura 1: As conexões históricas que contribuíram para a formação do papeamento⁵.

Fonte: mapa elaborado pelo autor.

5 LIGAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE CURAÇAU E A ÁFRICA OCIDENTAL

O argumento de que crioulos do PT falados na África Ocidental tenham sido decisivos para a formação do PA só pode ser verificado se de fato houve ligações históricas entre estas regiões e idiomas. O comércio transatlântico de escravos e os laços comerciais entre a África e as Américas são bem conhecidos. Como instrumento de suas atividades marítimas, os mercadores holandeses fundaram em 1621 a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (CHIO), a qual tinha jurisdição sobre o Caribe, América do Norte e Brasil para atuar principalmente

no tráfico de escravos. A CHIO recebeu os direitos de comércio de monopólio nas Índias Ocidentais e se tornou completamente operacional em 1628. A CHIO foi bem sucedida em seu principal objetivo:

nos anos de 1640, os holandeses tinham ultrapassado os portugueses como líderes do tráfico de escravos na África Ocidental. Embora os portugueses tenham comercializado boa quantidade de outros bens além de escravos, os holandeses praticamente se concentraram somente no tráfico de escravos. Em 1705, um oficial holandês na África reportou que os chefes locais tinham abandonado o comércio de outros itens como ouro e marfim e, no lugar destes, colocavam seu foco

[SYN]THESIS, Rio de Janeiro, vol.7, nº 2, 2014, p.133 - 145

exclusivamente no comércio de escravos por causa do volume e dos altos lucros recebidos (FALOLA; WARNOCK, 2007, p. 148).

O Castelo de Elmina, principal posto português de comércio de escravos na Costa do Ouro, foi capturado pelos holandeses em 1642. Como já mencionado, há evidências que o PT continuou a ser usado como *língua franca* de comércio na África Ocidental pelo menos até os anos de 1750 e até mesmo pelos holandeses como língua comercial nas operações de tráfico de escravos na África Ocidental. Os holandeses transportaram cerca de 5 mil escravos por ano e cerca de 900 mil para o hemisfério ocidental durante todo seu período de operações (FALOLA; WARNOCK, 2007, p. 149).

Parkvall (2000, p. 137) não acredita que o PA seja uma relexificação de um crioulo afro-português. Contudo, quando estuda os números de africanos escravizados levados a Curaçau, cujas origens são conhecidas por meio de registros, ele acha que “no geral, há uma dominância relativamente forte da Costa dos Escravos, com uma contribuição banto substancial... [e] um pequeno contingente da Costa do Ouro”.

Jacobs (2009, p.353) aponta para outra ligação mais precisa e decisiva na história do tráfico de escravos, aquela estabelecida pela CHIO entre Curaçau e a Alta Guiné. Ele acredita que ocorreu uma transferência linguística através do tráfico de escravos entre 1634 e 1677, já que este era o período em que os traficantes holandeses de escravos estavam em plena atividade na Alta Guiné, especialmente no Cabo Verde e na região de Gorée, onde a CHIO tinha a sua base:

... tirando vantagem do fim do controle português, os holandeses se tornaram durante cerca de cinco décadas a nação líder em comércio na região de Cabo Verde, com Gorée como um centro próspero de onde a escravidão e outras atividades comerciais ao longo da costa da Alta Guiné eram desenvolvidas, conectando esta região às Américas Espanholas em geral e a Curaçau

em particular (JACOBS, 2009, p. 356).

Jacobs considera crucial o período entre 1634 e 1677 para a formação do PA e afirma que o comércio de escravos da Alta Guiné para Curaçau desempenhou um papel fundamental durante aqueles anos: “Os anos mais importantes para o comércio de escravos foram entre 1667 e 1674 quando uma média de 3 mil escravos por ano chegavam a Curaçau” (JACOBS, 2009, p. 357).

Além disto, Jacobs (2009, p. 358-360) menciona De Moraes e os registros da segunda CHIO, os quais mostram consistentemente as rotas regulares de comércio operadas entre a Alta Guiné e Curaçau. Ademais, ele destaca fatos importantes que usualmente são ignorados por historiadores que se dedicam aos estudos dos judeus sefarditas, notadamente a presença deles no comércio no Cabo Verde e em outras partes da África Ocidental: “havia laços entre os holandeses e os sefarditas da Alta Guiné... com a rede deles se estendendo até Curaçau, deve-se enfatizar que, ao contrário da crença popular, o principal objetivo dos sefarditas da Alta Guiné parece ter sido o comércio e não a religião” (JACOBS, 2009, p. 364).

A CHIO tinha o *asiento*, o direito exclusivo de fornecer escravos às colônias espanholas, o que significava que a maioria dos escravos trazida a Curaçau era revendida depois de um curto período nos entrepostos. Alguns africanos escravizados, no entanto, permaneciam em Curaçau, trabalhando como serviços domésticos ou nas plantações existentes na ilha.

Estas evidências históricas, junto com elementos linguísticos de uma variedade crioula de base portuguesa da Alta Guiné que também estão presentes no PA, podem definitivamente provar que as influências crioulas afro-portuguesas desempenharam um papel crucial nas origens do PA.

6 LIGAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE CURAÇAU E O BRASIL

Ligações históricas diretas foram criadas entre o Brasil e Curaçau com o estabelecimento de uma colônia holandesa no Brasil. O Brasil Holandês,

também conhecido como Nova Holanda, existiu de 1630 a 1654; ele se estendia ao longo da costa nordestina do Brasil, aproximadamente de São Luís até Aracaju. Maurisstad, atualmente Recife, foi a capital do Brasil Holandês.

Naquela época Curaçau era um dos mais importantes centros de comércio usados pela CHIO na sua rota triangular de atividades de comércio e de tráfico de escravos entre a Holanda, a África Ocidental e o Novo Mundo, mais especificamente, Nova Amsterdã (Nova Iorque), as Antilhas Holandesas e o Caribe em geral, o Suriname, a Guiana e o Brasil Holandês.

Apesar do domínio holandês, o PT era a língua falada pela maioria dos que viviam no Brasil Holandês: “o controle holandês no Brasil sempre foi tênue, e a CHIO falhou em seu objetivo de colonização. A maioria dos colonizadores eram *moradores* portugueses com religião e língua diferentes e estavam sempre prontos a se revoltarem contra os *hereges*” (RAMERINI, 1998).

Entre estes falantes de PT estavam os judeus sefarditas e os criptojudeus, também chamados de marranos, novos cristãos ou conversos, os quais tinham se convertido ao cristianismo, principalmente ao catolicismo, devido às ameaças da Inquisição, mas secretamente continuavam a manter sua fé judaica. Alguns deles haviam escapado da Inquisição em Portugal, na esperança de verem dias melhores no Brasil, enquanto outros imigraram primeiro para a Holanda e, mais tarde, para o Brasil Holandês:

Desde cerca de 1580, o ano da unificação da Espanha e Portugal, e talvez até antes disto, inúmeros marranos portugueses tinham se estabelecido no Brasil para escapar da vigilância zelosa da Inquisição. Com a conquista holandesa, muitos deles voltaram a se converter abertamente ao judaísmo. A eles se juntaram outros judeus portugueses que anteriormente haviam procurado refúgio na Holanda (GOODMAN, 1987, p. 368).

No Brasil Holandês os judeus sefarditas erigiram em 1636 (POPSON, 2002, p. 1) a sinagoga *Kahal*

Zur Israel, a primeira congregação judaica nas Américas. Em 1645, quando a comunidade atingiu o seu pico, havia tantos judeus no Recife quanto em Amsterdã⁶, cerca de 1.450 membros (WIZNITZER, 1954, p. 111), que foi “sem dúvidas, uma comunidade judaica muito grande para o século XVII. A comunidade judaica de Amsterdã contava com 1.800 almas em 1655, depois da chegada de refugiados do Brasil” (WIZNITZER, 1954, p. 113). No início havia duas sinagogas. A segunda, chamada de *Magen Abraham*, estava localizada em Maurícia, também conhecida como Antônio Vaz ou simplesmente citada como *Outrabanda*, em cartas enviadas a Amsterdã (EMMANUEL, 1955, p. 5-6). Ela foi erigida porque na época não havia ponte que conectasse Maurícia a Recife, impedindo que os judeus participassem do serviço religioso sabático no Recife. Coincidentemente ou talvez não tão por acaso, um dos lados da baía de St. Anna, a enseada que leva ao Schottegat em Willemstad, Curaçau, também é chamada de *Outrabanda*.

Os judeus sefarditas eram proprietários de plantações, alguns faziam o comércio de escravos e muitos eram mercadores ativos:

os sefarditas – geralmente de origem portuguesa, ou abertamente declarados judeus ou, como era muitas vezes o caso, como novos cristãos – tiveram um papel decisivo no comércio transatlântico antes e depois de sua expulsão do Brasil Holandês... os conversos portugueses, ou criptojudeus, foram instrumentais na ligação das Américas com o Velho Mundo e além dele (EHRLICH, 2009, p. 723).

E o conhecimento de PT que possuíam foi crucial: “O fato de eles conhecerem a língua e a cultura portuguesa transformou-os em elementos-chave para a prosperidade econômica da jovem colônia holandesa no Brasil” (EHRLICH, 2009, p. 727). O PT provavelmente era sua língua principal. A troca de cartas entre os judeus sefarditas entre o Brasil Holandês e Amsterdã, por exemplo, era feita em PT (EMMANUEL, 1955, p. 6).

Os portugueses expulsaram os holandeses de

Pernambuco em 1654 e, com eles, também os sefarditas, os quais passaram a ser perseguidos. Os principais motivos para a perseguição eram a Inquisição em segundo plano e, em primeiro, o conhecimento inconveniente (para os portugueses) que tinham e a sua lealdade aos holandeses, os quais lhes haviam conferido direitos iguais e proteção:

Os portugueses consideravam os judeus renegados como os seus piores inimigos por causa do conhecimento que tinham de sua língua, hábitos e meios de agir, o que lhes permitia facilmente, sob a máscara do cristianismo, de agirem em seu meio e espionar entre eles. Sendo assim, eles estavam determinados a aniquilar os judeus no Brasil. Por este motivo, também, eles não tinham o menor escrúpulo em violar tratados acordados de boa-fé com comandantes militares, afirmando que, de acordo com a doutrina jesuíta, os fins justificam os meios (EMMANUEL, 1955, p. 10-11).

Depois da expulsão do Brasil, os judeus sefarditas ou retornaram à Holanda ou foram às colônias holandesas e outros territórios no Caribe; um pequeno grupo de 23 também se estabeleceu em Nova Amsterdã, atual Nova Iorque (HERSHKOWITZ, 2004, p. 3).

Curaçau, na condição de colônia holandesa, era na época um dos portos seguros para os sefarditas. O fim do Brasil Holandês foi, portanto, um marco miliário para o estabelecimento dos sefarditas em Curaçau, e não exclusivamente para os judeus que fugiam dos portugueses no Brasil: “a perda holandesa de Pernambuco para os portugueses trouxe indiretamente um novo grupo de colonizadores para Curaçau: judeus que fugiam das Inquisições espanhola e portuguesa” (BENJAMIN, 2000, p. 56). As ligações históricas entre o Brasil Holandês e Curaçau remontam a 1634, quando os holandeses tomaram Curaçau. Levaram consigo o intérprete Samuel Cohen, um judeu que servira na mesma função durante a conquista de Pernambuco (EMMANUEL, 1955, p. 20). Em 1659, “Isaac Da Costa, o qual tinha participado na colonização do Brasil, obtém dos diretores da CHIO um alvará para estabelecer uma

colônia em Curaçau.” (EMMANUEL, 1955, p. 21):

Isaac Da Costa, um colonizador proeminente no Brasil Holandês, conseguiu reunir cerca de 70 almas, em sua maioria exilados do Brasil, para irem a Curaçau. O *parnassim* da comunidade judaico-portuguesa de Amsterdã deu a Da Costa um pergaminho da Torá para ser usado pelos judeus de Curaçau. Da Costa era pessoa bem conhecida no Brasil Holandês; ele esperava que os judeus fossem mais bem compreendidos por parte do governador Mathias Beck, o qual também estivera no Brasil (ARBELI, 2002, p. 131).

Vários outros nomes podem ser encontrados em registros e cartas tanto do Brasil Holandês quanto de Curaçau, os quais ilustram o caminho tomado por alguns sefarditas depois de deixarem o Brasil (GOSLINGA, 1979, p. 23; HARTOG, 1968; EMMANUEL; EMMANUEL, 1970, p. 47).

Embora alguns deles fossem produtores rurais, a principal atividade econômica em Curaçau, no entanto, era o comércio:

A força do mercador judeu consistia em ter representantes e agentes capazes e confiáveis em Amsterdã e em outras cidades europeias e das Américas. Geralmente eles eram parentes... com os quais algumas vezes era formada a parceria. Ele também enviava sua mercadoria em seus próprios navios, reduzindo consideravelmente os custos, enquanto sempre tinha a vantagem de saber a língua comercial da época: o PT (GOSLINGA; YPEREN, 1985, p. 239).

Até mesmo navios negreiros e mercantes holandeses tinham alguma forma de crioulo português em uso a bordo, como confirmado por Joachim Nettelbeck, um alemão que fez sua primeira viagem triangular entre 1749 e 1751, navegando como membro jovem da tripulação; ele rapidamente se tornaria intérprete. Nettelbeck viajou de Texel e Amsterdã para trocar mercadorias por escravos, pó de ouro e marfim, na África Ocidental, atracando em lugares ao longo do litoral, entre eles o Castelo de São Jorge da Mina (Gana), Axim e Cabo Três Pontas, para então ir ao Suriname vender escravos e comprar

café e açúcar a ser vendido mais tarde na Holanda. As suas primeiras semanas a bordo foram dedicadas ao aprendizado de uma nova língua:

Nós tínhamos dois negros da costa da Guiné como marujos a bordo. O meu timoneiro os deu para mim como professores da *língua franca* de comunicação falada localmente, uma mistura de PT, inglês e algumas línguas de negros; e eu posso afirmar que eles encontraram em mim um aluno com facilidade de aprender (NETTELBECK, 1910, p. 18-19).

Esta declaração é uma confirmação clara de que o crioulo português era usado no comércio transatlântico de escravos e como *língua franca* no litoral africano, até mesmo em embarcações holandesas.

E, em tal contexto, os judeus sefarditas de Curaçau e da Holanda certamente não se absteriam de usar o PT, já que ele era instrumental no comércio marítimo.

Curiosamente, os judeus também estabeleceram ligações diretas entre a África Ocidental e as Antilhas Holandesas, não só através da Holanda ou do Brasil Holandês. Eles eram ativos no tráfico de escravos, mas também imigraram da África Ocidental para o Caribe:

Os judeus estão conectados à gênese do PA (e do Saramacano), na maioria das vezes como plantadores e menos frequentemente como traficantes de escravos. Mas historicamente eles desempenharam ambos os papéis... Enquanto a imigração de judeus do Brasil ao Suriname e às Antilhas Holandesas sempre foi destacada, a imigração de judeus portugueses da África Ocidental para estes territórios nunca foi mencionada, pelo que sei, a não ser no trabalho de Henriquez (1988). (MARTINUS, 1998, p. 142)⁷⁷

Martinus (1998, p.142-145) explica em detalhes o papel dos judeus portugueses como transportadores de escravos, as atividades deles nas Companhias Reais Africanas e as conexões entre os judeus do Cabo Verde e Curaçau.

Alguns acadêmicos que estudaram o PA apresentam o argumento de que a população de judeus

sefarditas em Curaçau teria sido insignificante em relação à população total e, portanto, não teria contribuído substancialmente para a formação do PA. Mas Goldish afirma que “no final do séc. XVII, Curaçau, pequena ilha holandesa no Caribe, tinha a maior comunidade judaica no Novo Mundo” (2002, p. 3). Afirmações sobre a porcentagem supostamente insignificante de judeus sefarditas na população de Curaçau são facilmente refutadas ao analisarmos os dados disponíveis:

Os dados censitários para os sefarditas de Curaçau antes do séc. XIX não são bem documentados, a população sefardita organizada [sem considerar os que iam e vinham] em Curaçau provavelmente atingiu o seu pico demográfico por volta de 1750, época em que pode ter chegado a 2 mil e constituído quase metade da população euro-curaçolense. Em décadas adjacentes a população judaica parece ter alcançado entre 1.300 e 1.500. A população total de Curaçau em 1785 era de 8.500, incluindo 3.000 a 3.200 euro-curaçolenses. Destes, cerca de 1.200 eram judeus (BENJAMIN, 2002, p. 102).

Alguns outros fatores também reforçam a asserção de que um crioulo do PT formou o primeiro estrato básico na formação do PA. Os sefarditas não chegaram sozinhos a Curaçau. Eles também trouxeram serviços brasileiros consigo (GOODMAN, 1987, p. 368-369) e “até 1674 os únicos cidadãos privados em Curaçau autorizados a comprarem escravos eram judeus do Brasil” (GOODMAN, 1987, p. 371). Alguns subordinados no aparato oficial holandês em Curaçau também haviam servido junto a seus oficiais no Brasil e certamente tinham pelo menos conhecimento básico de PT.

7 OBSERVAÇÕES FINAIS

Como mostrado acima, os fatos históricos que ligam os territórios e as pessoas falantes de PT e crioulos do PT a Curaçau não podem ser simplesmente rejeitados como irrelevantes quando se pretende discutir e analisar as origens do PA, especialmente quando se constata que as influências espanholas estiveram virtualmente ausentes durante o período

crucial de formação do PA. É surpreendente ver acadêmicos que descartam ou colocam as influências do PT em algum plano de fundo histórico secundário do PA. Certamente há motivos para tal; um deles indubitavelmente é a falta de conhecimento de PT por parte de alguns que estudaram aspectos do PA. Em 1940, Van Balen escreveu:

A maioria dos 'comentadores' [do PA] estava, alguns mais e outros menos, familiarizada com o espanhol, mas não com a outra língua ibérica; e esta orientação unilateral de tempos em tempos os levou em direção a uma origem espanhola do PA (p. 371).

Mesmo se os caiquetios tivessem domínio do espanhol, a língua dos seus colonizadores, dificilmente se pode argumentar que este tenha sido um fator decisivo para a formação de uma base original crioulo-espanhola do PA. Como já mencionado, eles virtualmente não estavam presentes na história social de Curaçau depois da conquista holandesa da ilha em 1634 e o subsequente processo de gênese do PA, eliminando, portanto, a possibilidade de um legado da língua espanhola vindo de seus tempos coloniais nas ilhas ABC, lugares que os espanhóis consideraram *islas inútiles*.

Parece lógico que o PT crioulo tenha servido de base para a formação do PA, uma vez que cerca de três quartos da população total de Curaçau em 1785 tinham ao menos algum legado de língua portuguesa crioula, se considerados os judeus sefarditas e os africanos escravizados que estavam trabalhando em Curaçau. O segundo maior grupo tinha o holandês como sua língua. Alguns poucos curaçolenses podem ter tido o espanhol como sua língua principal. Embora o espanhol desempenhe hoje papel linguístico importante no PA, devido à relexificação ocorrida em um período mais recente, ele seguramente não pode ser considerado um estrato inicial que remete à gênese do papeamento.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ Referência é feita às Antilhas Holandesas conforme eram

conhecidas até outubro de 2010. Atualmente, Curaçau e a antiga parte holandesa de Sint Maarten são territórios autônomos, enquanto Bonaire, Saba e Sint Eustatius estão sob a administração direta da Holanda.

² De acordo com: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Papiamento>>. Acesso em: 14 out. 2011.

³ De acordo com: <<http://www.papiamentu.net/curacao/language.html>>. Acesso em: 14 out. 2011. Dados de 1995.

⁴ De acordo com: <<http://www.infobarrel.com/Papiamento/#axzz1almI3tAl>>. Acesso em: 14 out. 2011.

⁵ Fonte: mapa elaborado pelo próprio autor do texto.

⁶ Segundo o jornal israelense Haaretz, edição on-line de 11 nov. 2007. O artigo menciona 1.630 pessoas na comunidade judaica do Brasil Holandês sem citar fonte exata para o número. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/news/synagogue-in-brazilian-town-recife-considered-oldest-in-the-americas-1.233058>>.

⁷ Martinus (1998, p. 142-145) explica em detalhes o papel dos judeus portugueses como transportadores de escravos, as atividades deles nas Companhias Reais Africanas e as conexões entre os judeus do Cabo Verde e Curaçau.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBELL, M. *The Jewish nation of the Caribbean: the Spanish-Portuguese Jewish settlements in the Caribbean and the Guianas*. Jerusalem: Gefen Publishing House, 2002.

AZURARA, G. E. *Crônica do descobrimento e conquista de Guiné. 1453*. Paris: J.P. Aillaud, 1841.

BARTENS, A. *Die iberoromanisch-basierten Kreolsprachen: Ansätze der linguistischen Beschreibung*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1995.

BENJAMIN, A. F. *Jews of the Dutch Caribbean: Exploring Ethnic Identity on Curacao*. London: Routledge, 2002.

BOXER, C. R. *Four centuries of Portuguese expansion, 1415-1825: a succinct survey*. Berkeley: University of California Press, 1969.

EHRlich, M. A. *Encyclopedia of the Jewish diaspora: origins, experiences, and culture*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2009.

EMMANUEL, I. S. *New light on early American Jewry*. Cincinnati: The American Jewish Archives, 1955. p. 3-63.

EMMANUEL, I. S.; EMMANUEL, S. A. *History of the Jews of the Netherlands Antilles*. Vol. 1. Cincinnati: American Jewish Archives, 1970.

FALOLA, T.; WARNOCK, A. *Encyclopedia of the middle passage*. Westport: Greenwood Press, 2007.

GOLDISH, J. C. *The Girls They Left Behind: Curaçao's Jewish women in the nineteenth century*. Waltham: Brandeis University, 2002. Disponível em: <www.brandeis.edu/hbi/publications/workingpapers/docs/goldish.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2012.

- GOODMAN, M. The Portuguese element in the American Creoles. In: GILBERT, G. G. (Ed.). *Pidgin and Creole languages: essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1987. p. 361-405.
- GOSLINGA, C. C. *A short history of the Netherlands Antilles and Surinam*. M. The Hague: Nijhoff, 1979.
- GOSLINGA, C. C.; VAN YPEREN, Maria J. L. *The Dutch in the Caribbean and in the Guianas, 1680-1791*. Assen: Van Gorcum, 1985.
- GURAN, M. *Agudás: Os “brasileiros” do Benim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Gama Filho, 1999.
- HARTOG, J. *History of the Netherlands Antilles*. Aruba: DeWitt, 1968.
- HERSHKOWITZ, L. By Chance or Choice: Jews in New Amsterdam 1654. *American Jewish Archives Journal*, Cincinnati, v. 57, n. 1 & 2, p. 1-13, 2005.
- JACOBS, B. *Origins of a Creole: The History of Papiamentu and Its African Ties*. Berlin: De Gruyter, 2012.
- _____. The Upper Guinea Origins of Papiamentu Linguistic and Historical Evidence. *Diachronica*. John Benjamins Publishing Company, v. 26, n. 3, p. 319-379, 2009.
- KOUWENBERG, S.; SINGLER, J. V. (Ed.). *The handbook of Pidgin and Creole studies*. John Wiley & Sons, 2008.
- KRAMER, J. *Die iberoromanische Kreolsprache Papiamentu: eine romanistische Darstellung*. Hamburg: Buske Verlag, 2004.
- LENZ, R. *El papiamentu, la lengua criolla de Curazao: la gramática mas sencilla*. Santiago de Chile: Imprenta Balcells, 1928.
- LIPSKI, J. M. *On the non-creole basis for Afro-Caribbean Spanish*. Research Paper #24, Latin American Institute, University of New Mexico. February, 1993.
- MATOS, F. H. *Os 100 idiomas mais falados do mundo*. Disponível em: <frankherles.wordpress.com/2008/10/29/os-100-idomas-mais-falados-do-mundo>. Acesso em: 22 jul. 2014.
- MUNTEANU, D. *El Papiamentu, Lengua Criolla Hispánica*. Madrid: Gredos, 1996.
- NAVARRO, T. Observaciones sobre el papiamentu. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Cidade do México, ano 7, n. 1-2, p. 183-189 1953.
- NETTELBECK, J. *Ein Mann. Des Seefahrers und aufrechten Bürgers Joachim Nettelbeck wundersame Lebensgeschichte von ihm selbst erzählt*. Ebenhausen: Wilhelm Langewiesche-Brand, 1910.
- POPSON, C. P. First New World Synagogue Rediscovered. *Archaeology: Archaeological Institute of America, Palm Coast*, v. 55, n. 2, abr. 2002. News briefs.
- RAMERINI, M. The Dutch in Brazil: The WIC and a New Holland in South America. 1998. Disponível em: <www.colonialvoyage.com/dutch-in-brazil>. Acesso em: 1 nov. 2011.
- RICKFORD, J. R. *Dimensions of a Creole continuum: history, texts & linguistic analysis of Guyanese Creole*. Redwood: Stanford University Press, 1987.
- RODRIGUEZ, J. P. *Encyclopedia of slave resistance and rebellion*. Westport: Greenwood Publishing Group, 2007.
- ROWELL, C. H.; ARION, F. M. An Interview with Frank Martinus Arion. *Callaloo*, v. 21, n. 3, p. 538-541, Summer 1998.
- SCHAUMLOEFFEL, M. A. Empréstimos Linguísticos do Português nas Línguas Faladas no País dos Tabons. *Palavras*, Lisboa, n. 34, p. 47-60, 2008a.
- _____. *Tabom: The Afro-Brazilian Community In Ghana*. Bridgetown: CreateSpace, 2008b.
- SCHUCHARDT, H. Kreolische Studien VIII: Über das Negerportugiesische von Annobom. 1888. VALKHOFF, M. F. *Studies in Portuguese and Creole*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1966.
- VAN BALEN, W. J. Papiamentoe en Portugeesch. *New West Indian Guide*, v. 22, n. 1, p. 371-376, 1940.
- VERGER, P. *Trade relations between the Bight of Benin and Bahia from the 17th to 19th century*. Ibadan: Ibadan University Press, 1976.
- VAN WIJK, H. Orígenes y evolución del Papiamentu. *Neophilologus*, 42, p. 169-182, 1958.
- WIZNITZER, A. The Number of Jews in Dutch Brazil. *Jewish Social Studies*, v. 16, n. 2, p. 107-114, 1954.
- WOOD, R. E. The Hispanization of a Creole Language: Papiamentu. *Hispania*: v. 55, n. 4, p. 857-864, 1972.